

Regional

ARTE DE SÃO ROQUE DO CANAÃ

Construtor de barris gigantes

Afonso Locatelli, 52, conquista clientes de vários estados e até do exterior fabricando barris que dão sabor à cachaça e ao vinho

Nilo Tardin
SÃO ROQUE DO CANAÃ

O tonel de madeira chegou junto com os portugueses no convés da frota de caravelas que aportou no Brasil no ano de 1500 como vasilhame indispensável para armazenar água, mantimentos, rum e vinho.

A arte de construir barris gigantes que dão sabor à cachaça e ao vinho de todo o País renasceu no Espírito Santo séculos depois pelas mãos do artesão Afonso Locatelli, 52 anos, no município de São Roque do Canaã, no Noroeste do Estado. Ele é o único fabricante capixaba de tonéis no mesmo molde da charmosa barrica de carvalho, estrela dos filmes de piratas e aventuras nos sete mares.



TONÉIS feitos pelo artesão capixaba

Dono de uma destilaria de cachaça cuja produção anual é de 36 mil litros, Afonso aliou ao trabalho o ofício de tanoeiro – assim se chama quem se dedica à milenar fabricação de pipas de madeira –, se especializando em aprimorar o gosto da purinha.

Mas, ao contrário do que se possa imaginar, ele faz restrições ao uso de madeiras que modifiquem a cor e o sabor da purinha. “A cachaça é uma bebida genuinamente nacional. O sabor precisa ser original. O envelhecimento deve ser feito no barril de madeira neutra ou nacional, nunca de carvalho, que é uma árvore de fora”, opinou.

É o próprio Afonso Locatelli quem apura o sabor da cachaça ou do vinho em tonéis fabricados por ele com madeiras nacionais, a maioria vinda da Amazônia.

A umburana ou cerejeira, canela-sassafrás, jequitibá rosa e peroba, entre outras, são as preferidas do artesão e dos clientes de vários estados e até do exterior. “Na fábrica só entra madeira legalizada. Também restauramos barris antigos e aproveitamos a madeira de tonéis que não têm conserto para fazer outros menores”, ressalta Afonso.

Com cinco funcionários, o artesão perdeu a conta de quantos tonéis de madeira já construiu desde que começou o ofício, em 1990.

Os tonéis de madeira de São Roque estão perto de ganhar o mundo ainda este ano. “Estamos em contato para fechar um acordo em Angola, que está montando uma destilaria de cachaça. Uma empresa paulista está negociando a montagem de barris de seis mil litros no país africano”, contou.

CASOS

Lixeiras diferentes

As lixeiras de São Roque do Canaã ganharam, há quatro anos, a forma de barricas, ajudando a adornar o centro da cidade. Apesar de serem feitas de resina, rendem uma homenagem ao construtor de barris gigantes Afonso Locatelli.

A dona de casa Maria Lucki, 67 anos, e sua filha Giliane Lucki, 31, concordam que as peças ajudam a enfeitar a cidade. “Não vi nada parecido em outro lugar”, disse Giliane.



Aperitivo aos amigos

Uma raiz de jacarandá comprada pelo empresário Antônio Regatieri, 57 anos, virou nas mãos de Afonso Locatelli uma pipa de dois litros e meio para armazenar cachaça da região. Toninho oferece o aperitivo aos amigos nos finais de semana.

“O jacarandá deixa a bebida com uma cor escura e sabor diferente, meio amargo”, disse Toninho, que decidiu dar a forma de barril ao raro jacarandá para testar o efeito da madeira na pinga.



O ARTESÃO Afonso Locatelli, 52 anos, com barris de vários tamanhos fabricados por ele em São Roque do Canaã

Vice-presidente, de cliente a amigo

Ao entrar no ramo da tanoaria quase por acaso, Afonso Locatelli lembra que recebeu a encomenda no alambique da família de recuperar um velho tonel de carvalho de 55 mil litros no Norte do Estado.

“Diante da dificuldade da época, não relutei e dei conta do recado. Peguei gosto pela arte”, recorda Afonso, que chegou a vender tambor de madeira até para o então vice-presidente do Brasil José Alencar, que morreu em 2011.

O contato com José Alencar foi feito numa feira de negócios do ramo da cachaça em Belo Horizonte.

Foram vendidos 40 tonéis de 17 mil litros para o alambique do ilustre cliente no município de Pedras de Maria da Cruz, perto de Januária, no norte de Minas Gerais.

“Estive seis vezes com o vice-presidente José Alencar. Montamos os barris de madeira encomendados por ele e o irmão Antônio Alencar. Ficamos amigos e antes de morrer sempre me ligava”,



AFONSO LOCATELLI, que virou amigo de José Alencar, constrói tonéis de até 50 mil litros

salientou.

Afonso Locatelli diz que constrói tonéis de 700 litros a até 50 mil litros, mas acima de 500, só por encomenda.

Segundo ele, o setor da cachaça em São Roque do Canaã não vai bem. Dos 36 alambiques da famosa Rota da Cachaça, sobraram ape-

nas 11. A crise de mão de obra, alta tributação e arrocho da legislação desmontam a tradicional fabricação de cachaça artesanal da região.

“O ramo da cachaça vai morrendo aos poucos. A maioria dos engenhos está parada. Não aguentamos a legislação”, disse.

Lei protege os efeitos da madeira

O artesão Afonso Locatelli, para quem pinga da boa tem que ser consumida pura, faz questão de destacar que o poder da madeira de apurar o sabor e a cor da cachaça e do vinho tem seus efeitos protegidos por lei.

“Para comprovar o envelhecimento, o Ministério da Agricultura (MA) exige que a oxigenação e o tempo de homogeneizar a bebida sejam feitos em tonéis de madeira de 700 litros. Só após a análise do teor alcoólico é que será liberada pelo governo”, ressalta o artesão.

Afonso Locatelli conta com cinco ajudantes na fábrica em São Roque do Canaã. Eles dominam a arte e a técnica de construir desde pequenos corotes de dois litros e meio a barris de até 50 mil litros.

“Os pequenos de dois, três até 10 litros são para enfeite, consumo doméstico ou bares e restaurantes, para guardar cachaça ou vinho”, comentou o artesão. Um lote de tonéis de 700 litros está pronto para ser transportado esta semana para Bezerros, em Pernambuco, onde irá armazenar a cachaça do

agreste brasileiro.

A tintura da madeira, explica Afonso, vai perdendo o colorido com o passar do tempo de infusão e passa a agir apenas como agente de oxigenação e envelhecimento.

Um estranho tonel quadrado denominado “parol” é uma das curiosidades do mundo das tinas da fábrica de Afonso Locatelli na localidade de São Bento, em São Roque. “É uma peça que não leva pregos e serve para armazenar cachaça ou vinho. Fiz apenas uma, a partir do modelo de um cliente”, destacou.

FOTOS: NILO TARDIN

Regional

MERCADORIAS ANTIGAS

Produtos à venda há 50 anos

Em várias mercearias do Estado, produtos “encalhados” há mais de cinco décadas ainda esperam por um comprador

Quem se lembra do tênis Kichute, cobiçado pelos estudantes na década de 1980? E aquele talco de bebê PomPom com um ursinho de bicicleta no rótulo? Pois existe uma loja no distrito de Anutiba, em Alegre, onde é possível encontrar produtos de 30, 40 e até 50 anos ou mais de fabricação, à espera de um comprador. É a Casa Monteiro, do comerciante Vantoil Monteiro Neto, 72.

Entrar nesse comércio, ao lado da praça do distrito, é retornar ao passado. Nas prateleiras ainda é possível ver malas de viagem da década de 60, tecidos em algodão de 20 ou 30 anos, além de camisas, brinquedos e produtos de enfeite de antigamente.

Seu Vantoil mantém com orgulho em seu comércio mercadorias que hoje estão esquecidas, mas que fizeram sucesso no passado.

Algumas pessoas compram produtos na loja só para ter como re-

cordação. O talco, por exemplo, ninguém usa, mas guarda a embalagem. Assim como as malas, fabricadas há quase 60 anos.

“Vendi muitas malas para noivas. Na época, elas saíam da roça a pé ou a cavalo para se casar aqui na sede do distrito e traziam suas roupas de casamento nas malas para não sujar”, lembrou o comerciante.

Alguns produtos estão em boa qualidade e podem ser usados, como os tecidos, as roupas, colchas, brinquedos, copos e pratos.

Aposentado, pecuarista, pai de três filhos, seu Vantoil poderia parar de trabalhar, mas não larga a loja que herdou do pai. “Sou muito grato e gosto do que faço”, disse.

“No passado o comércio aqui em Anutiba era movimentado por causa do café”, lembra. Com muitos fregueses, seu Vantoil comprava em grande quantidade em São Paulo. Só que nas décadas de 70 e 80, muita gente abandonou as lavouras, as vendas caíram e as mercadorias ficaram no estoque.

No centro de Muniz Freire, na região do Caparaó, também tem produto “encalhado” na mercearia mais antiga que se tem notícia na cidade, a do seu Bepim Favoretto.

No comércio onde os moradores afirmam encontrar de tudo um pouco, ainda espera um compra-



SÉRGIO: ferro à brasa por R\$ 75

dor um peso de escovão, daqueles usados antigamente para encerrar o assoalho. O funcionário Sérgio Nolasco, 38, que há 18 trabalha na mercearia, afirma que a peça está à venda há pelo menos 50 anos.

“Até pouco tempo eram dois pesos, mas dia desses um morador comprou o outro para a sua coleção”, contou. Também há um ferro à brasa, fabricado há 25 anos, que custa mais caro que um modelo convencional elétrico: R\$ 75,00.

HISTÓRIA



ALESSANDRO DE PAULA

Cantor já morou em prédio

O antigo prédio de dois andares no distrito de Anutiba, Alegre, onde funciona a loja e a casa de Vantoil Monteiro Neto, 72 anos, guarda a história de um dos maiores cantores do País, Paulo Sérgio, que vendeu 8 milhões de cópias.

Nascido nesse distrito, em 1944,

Paulo Sérgio iniciou sua carreira cantando em bares e clubes da região.

Vantoil foi amigo do cantor na adolescência e disse que fica muito honrado em morar na casa do artista. “Ele foi muito importante para o município”, afirmou ele, que mora no segundo andar.

Regional

MERCADORIAS ANTIGAS

Na loja do seu Paraíba tem de tudo

O paraibano Pedro Ivan Pereira chegou há 25 anos em Vargem Alta. Montou bar, ampliou para mercearia e hoje é referência no local

A cabou a energia? Na loja do seu Paraíba, em Vargem Alta, tem lamparina e lampião. Vai pescar? Lá você encontra anzol, vara e molinete. Vai jogar futebol? Compre uma caneleira para não se machucar. É adepto da umbanda? Na loja dele tem velas de várias cores.

É assim a venda do seu Paraíba, um lugar onde se encontra praticamente de tudo. Se for lá, aproveita para tomar uma cervejinha gelada, com um tira-gosto, e bater um papo. A bebida deixou um gosto ruim na boca? O comerciante tem cafezinho, refrigerante, bala e o que mais precisar.

“Gosto de atender o meu cliente e fico aborrecido quando ele vem procurar um produto em minha loja e não encontra”, disse o paraibano Pedro Ivan Pereira, 66 anos, que há 25 anos adotou Vargem Alta como sua cidade.

Ele começou a atuar no comércio em 1992. Montou um bar, incluiu produtos de mercearia e depois foi incrementando. Passou a consertar panelas, liquidificador, peças de geladeira e de máquina de lavar.

A lista de produtos é imensa. Seu Paraíba vende penico, disco de vinil, panela, escada, bomba de pneu de bicicleta, bombinha, foguetes, corda de violão, gaiola, chapéu de



GILSON na sua venda em Irupí



SEU PARAÍBA, de 66 anos, mostra alguns dos variados produtos que vende no seu comércio em Vargem Alta

palha, mola e chumbinho para espingarda, além de vassoura, pião e fumo, entre outros itens.

“Você pode revirar Vargem Alta. Tem coisa que a gente só encontra aqui”, disse o pedreiro Genair Riquieri, 54. “O que você precisar encontra no seu Paraíba”, afirmou outro freguês, o agricultor Cleber Vincentini, 46.

HERANÇA

Em Irupí, na região do Caparaó, antigas mercearias ainda resistem ao tempo. Na mais popular delas, é Gilson da Silva, ou “Gilson do seu Dodó”, 55 anos, quem mantém as tradições do negócio do antigo patrão, morto há três anos e de quem herdou um estoque com produtos que não saem das prateleiras há pelo menos 35 anos.

Ele conta que o bar e mercearia foi o seu primeiro e único emprego. Tinha 20 anos quando ingressou no ofício. É dessa época o par de sandálias infantis, um rolo de grega, além de equipamentos para pesca e bebidas raras à venda até hoje.

Trinta anos nas prateleiras

Nas prateleiras da Casa Conti, uma tradicional loja que vende de tudo e que fica localizada no bairro Novo Horizonte, em Linhares, no Norte do Estado, estão empilhados cerca de oito mil itens. Entre os produtos, dois chamam a atenção: um relógio cuco e um projetor de slide que aguardam por compradores há mais de 30 anos.

Os proprietários da loja, o casal Tite e Ângela Conti, afirmam que as mercadorias até que atraem a



TITE CONTI com o projetor de slide

atenção dos consumidores, mas ainda não apareceu ninguém disposto a pagar R\$ 500,00 por cada um desses objetos.

“Já teve gente que veio de Minas Gerais para comprar o projetor de slide. Falou que iria voltar, mas estamos esperando até hoje. Já o relógio cuco foi negociado com um colecionador do Rio de Janeiro. Avaliou, gostou, elogiou o estado de conservação, ficou de voltar para comprar, mas também deve ter desistido”, lamentou Tite Conti.

Ele disse que o projetor de slide foi comprado por volta do ano de 1983, sendo adquirido de um fazendeiro que tinha uma propriedade rural em Povoação, no litoral de Linhares. “Foi um dos primeiros produtos da minha loja e que permanece até hoje entre as mercadorias à venda”, acrescentou.

Já o relógio cuco, feito artesanalmente, foi comprado há 35 anos por Tite Conti de um vendedor paulista que estava em Linhares.

Kichute e braço de eletrola à venda em Santa Teresa

Braço de eletrola, canecas e ferros de passar roupa dos anos 60, tênis Kichute, debulhador de milho manual, polias de madeira para gerador de energia e isqueiro a querosene são alguns artigos que há 50 anos estão no estoque da Casa Bassetti, no centro de Santa Teresa, região serrana do Estado.

Antônio Orly Bassetti abriu o negócio e, aos 87 anos, passou o mais antigo comércio de secos e molhados da região para os filhos Geraldo e Chrizeide Bassetti.

O estabelecimento ainda mantém o ar do passado e centenas de produtos esquecidos nas prateleiras e no depósito.

No comando da loja há 15 anos, os irmãos Geraldo e Cris Bassetti lembram que o pai vendia de tudo no comércio de quatro portas, no centro da Santa Teresa.

“Recordo que tinham todos os tipos de gêneros alimentícios, violão, espingarda, ferramentas da lavoura à construção, uniforme de time de futebol, peças de reposição, além de remédios contra dor de cabeça e laxantes”, contou Cris.



CHRIZEIDE BASSETTI: lembranças

PARTICIPARAM da reportagem: Alessandro de Paula, Julio Huber, Wilton Junior e Nilo Tardin